

Poesia brasileira







ANTOLOGIA

# Poesia brasileira

## Romantismo

Organização

**Valentim Facioli**

**Antonio Carlos Olivieri**

**ea**  
editora ática

Esta edição possui os mesmos textos literários das edições anteriores.

© Valentim Facioli e Antonio Carlos Olivieri, 1985

**gerente editorial** Claudia Morales

**editor** Fabricio Waltrick

**editor assistente** José Muniz Jr.

**assistente editorial** Grazielle Veiga

**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista

**revisão** Camila Zanon e Alessandra Miranda de Sá

#### arte

**imagem da capa** *Mar azul*, 2008, obra de Sandra Cinto

**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

**editor** Vinicius Rossignol Felipe

**diagramadora** Thatiana Kalaes

**editoração eletrônica** Acqua Estúdio Gráfico

**pesquisa iconográfica** Josiane Laurentino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A637m

12.ed.

Poesia brasileira : romantismo / incluindo Gonçalves de Magalhães ... [et al.]; organização de Valentim Facioli e Antonio Carlos Olivieri. - 12.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

176p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia

ISBN 978 85 08 13204-1

1. Poesia brasileira. I. Facioli, Valentim, 1942-. II. Olivieri, Antonio Carlos. III. Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1882. IV. Série.

10-2613.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

ISBN 978 85 08 13204-1 (aluno)

ISBN 978 85 08 13203-4 (professor)

Código da obra CL 736802

2012

12ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | Cep 02909-900 | São Paulo | SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

Pátria, natureza e sentimentos 9

## **Gonçalves de Magalhães 27**

Saudação à Pátria à vista do Rio de Janeiro no meu regresso da Europa — Em 14 de maio de 1837 29

Noite tempestuosa 31

## **Gonçalves Dias 35**

A minha musa 37

Canção do exílio 41

Se se morre de amor! 43

A tempestade 46

Canção do tamoio 53

Olhos verdes 56

## **Laurindo Rabelo 59**

O que são meus versos 61

## **Casimiro de Abreu 63**

Canção do exílio 65

Meus oito anos 67

A valsa 69

Amor e medo 74

## **Junqueira Freire 77**

Meu filho no claustro 79

Temor 84  
Morte 85  
O canto do galo 88

**Álvares de Azevedo** 91  
Se eu morresse amanhã! 93  
Soneto 94  
Soneto 95  
Crepúsculo nas montanhas 96  
Spleen e charutos 99  
Namoro a cavalo 103

**Fagundes Varela** 105  
O sabiá 107  
A flor do maracujá 109  
Poema 111  
Cântico do calvário 112

**Bernardo Guimarães** 119  
A orgia dos duendes 121

**Castro Alves** 131  
O gondoleiro do amor 133  
Durante um temporal 135  
Adormecida 137  
Vozes d'África 139  
O navio negreiro 144

**Tobias Barreto** 153  
À vista do Recife 155  
A escravidão 159

**Sousândrade** 161  
Harpa XXXII 163  
Dá meia-noite 166  
Desiderium 167

Bibliografia 169  
Obra da capa 175





# PÁTRIA, NATUREZA E SENTIMENTOS

Valentim Facioli

Doutor em literatura brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), onde foi professor.

## Situação histórica

Nos quase 50 anos que antecederam a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880) e *O mulato* (1881), predominou na literatura brasileira o romantismo. O marco inicial desse período foi o lançamento dos *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836. O início desse movimento coincide com o período que se segue à Independência, as Regências — fase de cerca de dez anos que vai da abdicação de dom Pedro I à proclamação da maioridade de dom Pedro II.

Nesse período inicial, o romantismo se identifica com o projeto nacionalista de “fundação do país” pela criação de uma literatura propriamente brasileira. Esse projeto romântico consistiu em dotar o país de uma literatura que expressasse aquilo que tínhamos de típico, de nacional, de nosso, que fosse diferente de qualquer outro país. Ao mesmo tempo, pretendia-se fundar uma literatura que pudesse ser comparada, sem desvantagens, a qualquer outra dos países europeus. Assim, nossos escritores românticos sentiam-se vivendo uma importante missão: demonstrar, também pela literatura, que o Brasil era um país civilizado e evoluído, à altura de ser comparado aos da Europa.

Isso se fez com a apresentação de uma visão elogiosa e grandiloquente dos vários aspectos do país, em especial a natureza e os sentimentos. Buscava-se demonstrar que estávamos integrados ao novo espírito e à nova sensibilidade romântica europeia. Para que isso se concretizasse, era

Na página oposta, *Índios flechando uma onça* (1830-31), do alemão Johann Moritz Rugendas. A natureza brasileira e os indígenas, retratados por artistas europeus, também foram tematizados por nossos escritores neoclássicos e românticos.

preciso suprir as necessidades do país. Companhias teatrais foram organizadas, casas de espetáculos criadas, fundou-se o Instituto Histórico e Geográfico Nacional. Surgiu também uma Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.

A criação de uma literatura nacional pelos românticos supunha uma “organização da inteligência nacional”, por “um modo que aproveitasse a todos os brasileiros”. Para tanto, a poesia, o romance e o teatro procuraram revelar os diferentes aspectos do país e do homem brasileiro: o amor à pátria, a grandeza do território, a beleza e majestade da natureza, a igualdade entre todos os habitantes do país, a benevolência e hospitalidade do povo, as grandes virtudes dos nossos costumes patriarcais, as qualidades afetivas e morais da mulher brasileira, o alto padrão da nossa civilização, nossa privilegiada paz social... Essas crenças

influíram fortemente no espírito dos brasileiros da época do romantismo, determinando-lhes, a par de todo um comportamento político e social, uma peculiar concepção da realidade material e moral da pátria, e, muito particularmente, [...] uma temática literária<sup>1</sup>.

Para nós, leitores de hoje, é importante compreender que o Brasil não correspondia à imagem que os românticos divulgavam. Por volta de 1850, a população do país era de pouco mais de 8 milhões de habitantes: 5,5 milhões eram homens livres; 2,5 milhões, escravos. Do total de habitantes, apenas 15 a 20% eram alfabetizados. A economia do país era quase exclusivamente rural, agrícola, à custa do trabalho escravo. Importávamos tudo o que era consumido de origem industrial: roupas, calçados, móveis, papel (inclusive livros), máquinas, etc. A sociedade estava dividida basicamente em duas classes: senhores e escravos. Os homens livres, não proprietários, viviam em estreita dependência econômica, pessoal e moral dos grandes proprietários rurais, por relações de favor e proteção. Esses proprietários constituíam a base do poder

---

1 SOARES AMORA, Antônio. *O romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1967. (Roteiro das grandes literaturas: a literatura brasileira, vol. II)

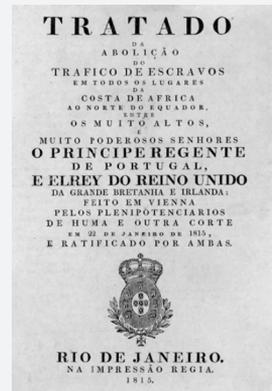
político que se consolidou no país após a abdicação de dom Pedro I, em 1831. E, com a derrota dos vários movimentos populares nas províncias ou na Corte, os grandes proprietários organizaram a vida política do Império de modo a fazer prevalecer seus interesses e privilégios.

Só depois de 1870 esse poder começou a sofrer abalos, com as leis antiescravocratas (a proibição do tráfico, a Lei do Ventre Livre, a dos Sexagenários). É preciso destacar também o surgimento de uma classe de comerciantes nas cidades, politicamente mais liberais e cujos interesses às vezes conflitavam com os dos proprietários rurais. Ao mesmo tempo, as conquistas sociais e políticas na Europa capitalista tiveram forte influxo sobre o Brasil. Elas produziram uma corrente intelectual crítica que passou a denunciar a escravidão, as misérias, as desigualdades e o atraso do Império. Isso explica o aparecimento de um poeta como Castro Alves, o poeta dos escravos, já em fins da década de 1860.

No Brasil dessa época, só podiam votar e ser votados os proprietários que tivessem altos rendimentos. As decisões sobre o país e o povo eram reservadas a um pequeno grupo social, que governava em favor de si próprio. As escolas eram poucas; entre os ricos, a educação se fazia em casa, com tutores ou professores particulares. Entre os menos ricos e os pobres, campeava o analfabetismo puro e simples. As mulheres raramente saíam em público e, mesmo no interior das casas, não costumavam aparecer para visitas estranhas. É o que se pode ver, por exemplo, no romance *Inocência*, do visconde de Taunay.

Esse panorama sofreu modificações nas cidades, especialmente no Rio de Janeiro, que era a Corte, sede do império. Ali floresceu um comércio mais intenso de mercadorias e de ideias; surgiram os teatros, os bailes; as ruas movimentaram-se; a burocracia civil e militar conseguiu certa autonomia em relação aos proprietários e aos políticos conservadores. O surgimento de algumas escolas médias e superiores (Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e São

Capa do *Tratado da Abolição do Tráfico de Escravos* (1815), firmado entre Portugal e Inglaterra. Demorariam ainda 72 anos para que a Lei Áurea fosse assinada – o Brasil foi o último país das Américas a proibir o trabalho escravo.





Em foto de Militão Augusto de Azevedo, de 1862, a Igreja de São Francisco e a Faculdade de Direito de São Paulo. Fundada em 1827, essa instituição de ensino foi palco de intensas discussões políticas e literárias. Lá estudaram escritores como Álvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e José de Alencar.

Paulo) fez crescer o número de jovens mais liberados dos rígidos controles patriarcais. As próprias mulheres puderam sair da reclusão em que eram mantidas. Na verdade, os jovens estudantes, a burocracia e as mulheres mais liberadas constituíram o pequeno público que lia e consumia a literatura romântica, tanto a produzida aqui como a importada da Europa, especialmente da França.

Os escritores românticos brasileiros dirigiam-se, portanto, a um público pequeno e ideologicamente restrito — tanto quanto os próprios escritores, identificados com pequenas diferenças em relação aos valores, crenças e interesses da classe de proprietários, politicamente dominante.

Nós, leitores de hoje, podemos facilmente perceber que o romantismo era bastante contraditório. De um lado, importava formas artísticas e conteúdos sociais da Europa, onde o romantismo identificava-se com certos valores burgueses que no Brasil ainda não eram aceitos. De outro, nossos românticos escreviam num país muito atrasado em relação à Europa, mas precisavam mostrar que éramos progressistas e civilizados. O resultado é que nosso romantismo, lido de uma perspectiva atual, parece ainda novo e de grande vitalidade — pois começa uma literatura que ainda não existia de

verdade —, conforme nossas condições sociais e intelectuais. Entretanto, parece também frágil e imitador no conjunto das literaturas do Ocidente. Daí ele parecer renovador e conservador a um só tempo; fazer conviver o liberalismo e a escravidão; exaltar o índio e o branco colonizador; apresentar-se brasileiro com um certo ponto de vista europeu.

## Neoclassicismo e pré-romantismo

O romantismo, contudo, não surgiu de repente, simplesmente trazido da Europa como modelo copiado. Houve um longo período anterior em que podemos encontrar alguns sintomas de uma renovação formal e temática que ainda não era romântica nem seguia completamente as “regras” da arte clássica. Os poetas do neoclassicismo ou arcadismo, escrevendo aqui ou em Portugal, salientavam certos elementos nacionais da natureza, do indígena e da sociedade. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se entre eles uma consciência de que eram “escritores brasileiros”, apesar de ainda sermos colônia de Portugal. Eles também já pensavam em promover sua terra no nível das nações civilizadas. No fim do período arcádico, podemos ver que há entre eles um verdadeiro senso de missão do escritor, que se mistura com o desejo de autonomia ou independência do país.

Mesmo nas *Obras de Cláudio Manuel da Costa* (1750), podemos ver que a “realidade tosca” do país aparece em oposição à paisagem harmônica e “convencional” da poesia árcade:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Ou:

Destes penhascos fez a natureza  
O berço, em que nasci: oh quem cuidara,  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Nascido em Minas Gerais, na zona da mineração, Cláudio Manuel da Costa incorpora a paisagem da terra natal. Ele chega a escrever um poema longo, “Fábula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre, e dava o nome à Cidade Mariana, minha Pátria, quando era Vila”.

Também frei José de Santa Rita Durão escreve o poema épico *Caramuru*, imitando *Os lusíadas*, de Camões, para valorizar o episódio do descobrimento do Brasil, movido por “amor à pátria”. Nesse poema, com fortes elementos nativistas, ele louva a terra brasileira, o clima, a fertilidade, as riquezas naturais, e incorpora o indígena pelo relato de seus hábitos, costumes e instituições. O mesmo ocorre com Basílio da Gama, mineiro como os outros dois. Ele escreve *O Uraguai*, que “reestrutura o poema épico de maneira a violentar o seu esquema tradicional”. O poeta incorpora a paisagem nacional, e o elemento indígena recebe um tratamento literário que o valoriza para além da preocupação documental até então dominante. Por fim, Tomás Antônio Gonzaga escreve as *Cartas chilenas*, satirizando a corrupção política e administrativa do colonizador português em Minas Gerais.

Pouco mais tarde, outros poetas já podem ser considerados “pré-românticos”, especialmente em função das preferências temáticas e da aceitação de fontes e modelos fora das limitações clássicas. Esse período abrange os anos entre a chegada da família real portuguesa, em 1808, e a publicação dos *Suspiros poéticos e saudades*. Entre esses autores, estão José Elói Ottoni (*Provérbios de Salomão*, 1815), frei Francisco de São Carlos (*A assunção da Santíssima Virgem*, 1819), Sousa Caldas (*Salmos de Davi; Poesias sacras e profanas*, 1820-21) e José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca

da independência (*Poesias avulsas de Américo Elísio*, 1825). Também é possível incluir o frei Francisco do Monte Alverne, pregador de grande influência, cujas *Obras oratórias* só foram publicadas bem mais tarde, em 1853. O mesmo Gonçalves de Magalhães, iniciador do nosso romantismo, publicou em 1832 um volume de *Poesias*, uma obra na qual “convergiram e se evidenciaram os bons e os maus resultados” do nosso neoclassicismo.

Esses autores expressaram forte religiosidade (catolicismo), exaltaram a natureza do país, tornaram o índio um tema literário e defenderam, quase sempre implicitamente, uma ideologia “liberal” do monarquismo constitucionalista. Foram nativistas e comprometidos com certos aspectos do iluminismo, como a importância da educação. Realizaram pequenas inovações formais, de estilo e dicção. Com tudo isso, os árcades e pré-românticos como que produziram uma atmosfera intelectual e literária que favoreceu e facilitou a chegada do romantismo ao país. Tudo isso num momento em que os fundamentos do império agrário e patriarcal se consolidavam, com a independência fora de perigo — ambiente, enfim, propício ao florescer do romantismo entre nós.



Recém-formado em Medicina, o poeta Gonçalves de Magalhães viajou para a Europa e, ao retornar, introduziu ideias românticas nos círculos intelectuais e políticos brasileiros.

## As gerações românticas

Como o romantismo durou quase meio século, foram muitos os autores que escreveram sob sua influência. Com base principalmente nas diferenças entre eles, podemos agrupá-los em gerações, isto é, grupos de autores com produções semelhantes e que tenham vivido mais ou menos no mesmo período.

Na primeira geração, predominou o patriotismo, com a “descoberta” de aspectos da paisagem local, nacional e tropical. Foram realçados o típico, o exótico e a beleza natural, exuberante, em oposição à paisagem e à natureza da Europa. Apareceu o indianismo, tanto na poesia lírica quanto nas tentativas de produzir uma poesia épica. O índio, tomado já como lenda e mito do passado colonial e pré-colonial, é encarado como elemento formador do povo brasileiro, como nas obras de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães. Também nessa geração, está presente uma forte religiosidade católica que identifica as possibilidades da poesia romântica com o sentimento cristão, em oposição ao “paganismo” da poesia neoclássica, ligada à tradição greco-latina.

Trata-se de uma poesia amorosa, idealizante e fortemente sentimental, marcada por certa influência da lírica portuguesa — a medieval, a camoniana e a dos românticos (Almeida Garrett, principalmente). Há renovação no uso do ritmo e da rima, na liberdade de versificação e na livre invenção da estrutura poemática, a fim de alcançar maior expressividade e adequação aos temas. Essa geração de poetas viveu um sentimento de missão e se identificou com o projeto de “construção” do novo país. Chegou a praticar um certo antilusitanismo, mas pendeu para o oficialismo e o conservadorismo, alinhando-se com a política “estabilizadora” do início do Segundo Reinado. Fixou traços passadistas e contribuiu para consolidar a ideologia oficial do Império agrário-escravocrata, embora repisando, como retórica apenas, o tema da liberdade e vários dos valores e crenças a que nos referimos anteriormente. Magalhães, Gonçalves Dias e Araújo Porto Alegre são as principais figuras dessa geração.

Permanece na segunda geração a maioria das características da anterior — exceto o indianismo, que passa a ser o grande tema do romance de Alencar, no final da década de 1850 e durante a década seguinte. Há um deslocamento de ênfase: o que era predominante passa a ser uma influência secundária, e os poetas assumem um extremo subjetivismo. Eles passam a imitar outros poetas europeus (especialmente

o inglês lorde Byron e o francês Alfred Musset), centrandose numa “temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio”<sup>2</sup>. A evasão e o sonho caracterizam o egotismo dessa geração: o culto do eu, da subjetividade, tende para “o devaneio, o erotismo difuso ou obsessivo, a melancolia, o tédio, o namoro com a imagem da morte, a depressão, a autoironia masoquista”<sup>3</sup>.

O byronismo aparece na figura do homem fatal, de faces pálidas e macilentas, olhar sem piedade, marcado pela melancolia incurável, pelo desespero e pela revolta. Ao mesmo tempo, está presente a imagem do poeta genial mas desgraçado, perseguido pela sociedade, condenado à solidão, incompreendido por todos, desafiando o horror do próprio destino. O “mal do século”, uma doença indefinível, entedia e faz desejar a morte como única via de libertação. Essa é a imagem de uma contradição insolúvel entre o excesso de energia interior, do eu, a procura do absoluto, e as condições reais dos homens e da sociedade. O mal do século expressa, para essa geração, o choque entre os desejos excessivos e a impossibilidade de realizá-los. Daí vêm o tédio, a agonia e o sentimento de morte que devastam a alma romântica.

Acrescente-se a esses aspectos o satanismo — culto de Satã, o anjo que se rebelou contra Deus. Trata-se, na verdade, de um culto da rebeldia, do espírito independente, capaz de todos os gestos heroicos e de todas as maldades. Não poucas vezes o poeta romântico se identifica com Satã, imagem de sua própria condição de poeta insatisfeito. Um bom exemplo disso é o poema “A orgia dos duendes”, de Bernardo Guimarães, na p. 121. Aparecem também, na segunda geração, algumas ideias mais acen-



Lorde Byron, em gravura de Edwin Roffe sobre desenho de George Henry Harlow. A segunda geração romântica inspirou-se na obra desse escritor inglês para compor poemas sobre sonhos, melancolia e morte.

2 Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

3 Idem, *ibidem*.

tuadamente liberais, e aprofunda-se a pesquisa lírica com a linguagem literária e com a estrutura dos poemas. São dessa geração os escritores Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Fagundes Varela e Bernardo Guimarães.

Já os poetas da terceira geração — especialmente Castro Alves e Sousândrade — guardam enormes diferenças entre si. Por isso, essa é a geração mais heterogênea do romantismo no Brasil.

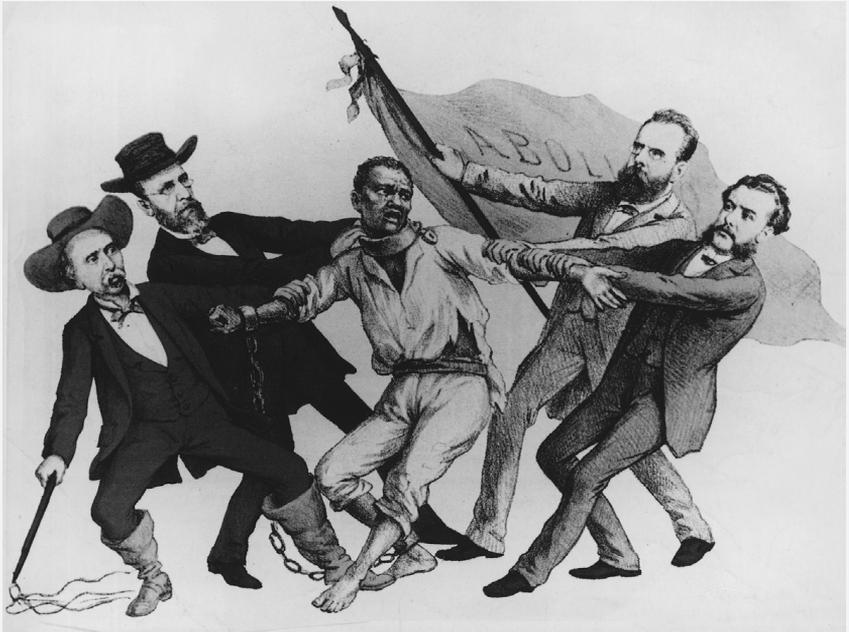
Castro Alves, escrevendo em fins da década de 1860, expressa a “crise do Brasil puramente rural” e “o lento mas firme crescimento da cultura urbana, dos ideais democráticos e, portanto, o despontar de uma repulsa pela moral do senhor-servo que poluía as fontes da vida familiar e social no Brasil Império”<sup>4</sup>. Por isso, os ideais abolicionistas e o culto do progresso são o fundo ideológico de sua poesia, que se faz eloquente, grandiloquente, oratória, com muitas imagens e metáforas de grandeza e titanismo. Marcada de forte indignação, a poesia de Castro Alves faz-se liberal e denuncia a escravidão. Também renova o tema amoroso, liberando-o das noções de pecado e culpa, cultivando um erotismo sensual. Abre, portanto, “baterias poéticas” contra o conservadorismo, o atraso moral do Império e as injustiças da ordem social. Ao tomar imagens à natureza, “sugere a impressão de imensidade, de infinitude: os espaços, os astros, o oceano, o ‘vasto sertão’, o ‘vasto universo’, os tufões, as procelas, os alcantis, os Andes, o Himalaia, a águia, o condor”<sup>5</sup>. Influenciado por Victor Hugo — embora confessasse também influências de Fagundes Varela e Gonçalves Dias —, Castro Alves (e, em parte, Tobias Barreto) é o poeta condoreiro, “o poeta dos escravos”.

Já Sousândrade, que começa como poeta próximo da segunda geração, torna-se uma voz destoante do nosso romantismo. Sua obra, que permaneceu esquecida durante meio século, entra na terceira geração apenas pelo critério cronológico. Embora marcada também pelo abolicionismo

---

4 Idem, *ibidem*.

5 Idem, *ibidem*.



e pelo republicanismo, sua poesia realiza-se de maneira distinta, porque possui grandes novidades temáticas e formais. Seu processo de composição poética volta-se para inesperados arranjos sonoros, pelo uso de diversas línguas de maneira integrada. Seus ousados “conjuntos verbais” quebram mesmo a estrutura sintática da língua portuguesa. Por ter vivido anos nos Estados Unidos, Sousândrade foi capaz de captar os novos modos de vida do capitalismo industrial e urbano (o “Inferno de Wall Street”, do poema *O guesa*), fundindo-os com certas tradições míticas e culturais dos índios, especialmente os da América espanhola (os quíchuas). “Símbolo do selvagem que o branco mutilou, o canto do novo herói inverte o signo do indianismo conciliante de Magalhães e Gonçalves Dias, cantores, ao mesmo tempo, do nativo e do colonizador europeu.”<sup>6</sup>

A profunda distância entre os poetas da terceira geração, e entre estes e os anteriores, demonstra um início de fim do romantismo e a diluição de sua estética e ideologia.

Publicada na *Revista Ilustrada*, de cunho republicano e abolicionista, a charge de Angelo Agostini retrata a disputa da oligarquia escravocrata com os intelectuais e políticos que defendiam a libertação dos negros.

6 Idem, *ibidem*.

## Estética e linguagem

O movimento romântico sofreu a influência de uma nova sensibilidade, da consciência dos novos tempos, com novos temas e novas exigências de expressão. Com isso, operou uma ampla e profunda renovação formal das artes. Embora retomasse diversos elementos da tradição medieval, maneirista e barroca, soube retrabalhá-los no impulso geral de renovação, imprimindo marca própria ao que reaproveitou.

A liberdade de expressão era uma exigência decisiva para dar conta da nova matéria artística. Por isso, o romantismo questionou, desmoralizou e, finalmente, destruiu o velho princípio clássico de imitar os modelos antigos. Para os românticos, a expressão artística única, irrepetível, correspondia à expressão das inumeráveis emoções individuais como únicas e irrepetíveis, iluminação súbita e inspirada. Daí surgiu uma poética da “invenção” e da “novidade” como busca permanente da expressão de cada indivíduo, de cada momento, de cada sentimento, de cada paixão, como algo único e irrepetível. Essa necessidade se impõe à estrutura do poema, ao ritmo, à rima, à dicção, à métrica, à alternância de versos longos e curtos, às metáforas ousadas, às hipérboles, ao aproveitamento da linguagem poética em todas as suas potencialidades musicais e expressivas. Por isso, uma observação ligeira mostra-nos diferenças notáveis entre os poetas românticos — em contraste com os neoclássicos, por exemplo, que se assemelham por seguir com certo rigor os modelos tradicionais. Diz Gonçalves de Magalhães, no prefácio aos *Suspiros poéticos e saudades*:

Quanto à forma, isto é, a construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que, a igualdade dos versos, a regularidade das rimas, e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia, e dá certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com

sons doces e flautados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

Essa é a relação que o artista romântico mantém com a linguagem, com a palavra. Ao equilíbrio neoclássico ele contrapõe o desequilíbrio inovador e experimental, de modo que a linguagem passa a ser um simples intermediário entre as emoções do poeta e seu leitor. Estas é que importam. A linguagem é vista como incapaz de expressar plenamente os sentimentos. Diante da nova carga de sensibilidade e intuição, é necessário que as regras do código (isto é, a gramática da língua) sejam questionadas, que as categorias da razão sejam descartadas, que sobressaia a palavra carregada de sentimentos do coração do poeta para o coração do leitor. Isso faz o poeta romântico privilegiar o emissor (o eu, a função emotiva da linguagem, isto é, aquele que fala), comportando-se diante da palavra com a desconfiança que, por assim dizer, ele inaugura na literatura ocidental moderna. Ao mesmo tempo, o romântico torna-se irônico, diz algo para fazer significar outra coisa, porque sabe do caráter contraditório da realidade, que para ele tem uma essência diferente da aparência. Ele busca superar as contradições projetando o eu na procura do absoluto e do ilimitado — da essência, enfim. A ironia decorre da desconfiança para com a linguagem e para com a obra de arte como algo capaz de expressar o absoluto e a essência. A arte diz menos do que o artista sente, e expressa um mundo menos complexo do que aquele que ele percebe.

Na poesia romântica brasileira, a ironia não é muito comum mas aparece forte, especialmente em Sousândrade e Álvares de Azevedo. Este, que escreveu também poemas humorísticos (ver “Namoro a cavalo”, p. 103), produziu “Ideias íntimas”, um poema irônico por excelência. Mais que irônico, paródico e gozador do próprio Álvares nos momentos em que escrevia a sério, é o poema “Spleen e charutos” (p. 99):

Teu romantismo bebo, ó minha lua,  
A teus raios divinos me abandono,

Torno-me vaporoso, e só de ver-te  
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

Ou esta estrofe galhofeira:

Vale todo um harém a minha bela,  
Em fazer-me ditoso ela capricha;  
Vivo ao sol de seus olhos namorados,  
Como ao sol de verão a lagartixa.

*A liberdade guiando o povo* (1830), do pintor romântico francês Eugène Delacroix, simboliza a Revolução Francesa. O romantismo contribuiu para disseminar, em solo brasileiro, os ideais burgueses da Europa ocidental.

## Importância do romantismo no Brasil

O romantismo coincide com o período de afirmação do país independente e, por isso, tem para a literatura brasileira excepcional significação. É o início da diferenciação da nossa literatura em relação à portuguesa, mediante a distinção temática e de linguagem. O romantismo quebrou a estreita dependência linguística que nos prendia à tradição literária portuguesa, ao incorporar peculiaridades



des vocabulares e sintáticas e procurar um ponto de vista nacional brasileiro. Ao mesmo tempo, o romantismo no Brasil foi afetado pelas contradições inerentes ao nosso país e pelas profundas diferenças entre o Império brasileiro e a Europa burguesa. Impregnou-se de contradições que bem expressam a adaptação de uma corrente cultural e artística nascida no exterior às condições do Brasil, país atrasado, dependente e preso à órbita da Europa.

Nesse sentido, o romantismo tem um papel muito complexo: atualizar nosso país a certos padrões sociais e culturais europeus. Isso contribuiu para disseminar, aqui, valores burgueses da Europa ocidental, favorecendo a circulação social desses valores. Por outro lado, como manifestação artística e ideológica, o romantismo em si não pôde mudar nossa realidade material e cultural. Por isso, instalou-se como forte contradição em vários planos, obrigando-se a falar em liberdade e igualdade num país escravocrata, sem assumir (a não ser com a terceira geração) a luta pela abolição. Ainda assim, o romantismo adquiriu aqui a vitalidade dos movimentos profundos e inovadores, fundando uma literatura nacional, com as características do país, descobrindo-o e exaltando-o. Se muitas vezes trabalhou temas e aspectos europeus que pouco ou nada tinham a ver com a sociedade brasileira, no conjunto imprimiu à nossa literatura a marca da nacionalidade e da peculiaridade local.

É o romantismo o responsável por uma “organização da inteligência brasileira”. Ele deu certa organicidade à produção cultural, criando um público leitor (ainda que pequeno) desejoso de ler o escritor brasileiro. Este passou a falar da nossa sociedade — do presente, do passado colonial e do passado lendário; do litoral e do sertão; das cidades e dos campos. O romantismo desenvolveu, assim, uma linguagem própria na poesia, na prosa, no teatro, na crítica literária e na historiografia, literária ou não. Enfim, a contribuição do romantismo é marcante o suficiente para produzir um *corpus* literário e artístico impossível de ser ignorado se quisermos conhecer a formação do país.

Isso apesar dos muitos defeitos de que podemos acusá-lo. Não podemos desprezar a imitação formal e a ado-

ção de um ponto de vista europeu, além do descuido da linguagem artística, que tanto compromete o nível estético do conjunto do movimento. Assim, a liberdade ideológica e artística funcionou como arma de dois gumes: facilitou a renovação e a atualização, mas permitiu que todo o complexo cultural e artístico funcionasse com “facilidades adaptatórias” e pequeno rigor. Isto, evidentemente, não dependeu de um plano ou projeto consciente, pois decorreu das próprias condições materiais de produção cultural no nosso país. Ao fim e ao cabo, pode-se considerar pertinente e correta a avaliação de dois conceituados críticos e historiadores de nossa literatura:

Com o subjetivismo romântico, as suas cogitações morais, a sua religiosidade, ou com a interpretação do ser individual, cultivamos a visão total da nacionalidade, da nossa paisagem física e social, da nossa sensibilidade, valores e tradições, das lutas sociais e políticas do momento. E assim, ao mesmo tempo que se faz acentuadamente nacional, pelos temas e pelo estilo, o romantismo no Brasil, progressivamente, também se preocupa com o sentido da sua universalidade<sup>7</sup>.

---

7 CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: das origens ao romantismo*. São Paulo: Difel, 1973. vol. 1.



**Poesia brasileira**  
**Romantismo**



Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro, em 1811. Formado em medicina, seguiu para a Europa, onde teve contato com a poesia romântica. Em Paris, em 1836, publicou *Suspiros poéticos e saudades*, considerada a obra inaugural do romantismo no Brasil, e também a revista *Niterói*, que preconizava uma reforma nacionalista e romântica de nossa literatura. Na volta ao Brasil, dedicou-se ao teatro, sempre procurando criar e consolidar uma literatura nacional. Com isso, ganhou favores do imperador Pedro II, encarregando-se no magistério, na política e na diplomacia, ao mesmo tempo que se tornava uma espécie de intelectual oficial da Corte. Foi governador e deputado da província do Rio Grande do Sul, e nobilitado com os títulos de barão e visconde do Araguaia. Morreu em 1882 em Roma, onde cumpria uma das diversas missões no exterior a que era nomeado.



## Saudação à Pátria à vista do Rio de Janeiro no meu regresso da Europa — Em 14 de maio de 1837

1 Eis o pétreo gigante majestoso,  
Sobre as cerúleas ondas ressupino,  
Guardando a entrada do meu pátrio Rio!  
Ei-lo c'ó pé assinalando a barra  
Do golfo ingente, que do mundo as nave  
Todas pode conter no âmbito imenso,  
Sem par na Natureza!...  
Ei-lo!... do sol nascente os primos raios  
Já lhe douram a nobre, altiva fronte;  
10 E ele como que acorda do seu sono,  
O cobertor de névoa sacudindo!

Terras da minha pátria, eu vos saúdo,  
Depois de longa ausência!  
Eu te saúdo, oh sol da minha infância!  
Inda brilhar te vejo nestes climas,  
Da Providência esmero,  
Onde se apraz a amiga liberdade  
Tão grata aos corações americanos!  
Minha terra saudosa,  
20 Terra de minha mãe, como és tão bela.  
Se em ti não venho achar da Europa o fausto,  
Pelo suor dos séculos regado,  
Também não acharei suas misérias,  
Maiores que o seu brilho.  
Verdes montanhas que cercas meu berço,  
Como sublimes sois, como sois grande!

Por vós são estas lágrimas de júbilo  
Que em êxtase minha alma aos olhos manda,  
Ao respirar teus ares!  
30 Por vós agora o coração palpita

---

2 **cerúlea**: azul como o céu num dia claro; **ressupino**: deitado de costas. (N.E.)

5 **ingente**: muito grande, imponente; **nave**: embarcação, nau. (N.E.)

21 **fausto**: luxo, ostentação; ventura. (N.E.)